

Em um mês, setor perde 11 mil empregos

Indústria calçadista nacional terminou o ano de 2025 com total de 273,9 mil pessoas empregadas na atividade

MICHEL POZZEBON

michel.pozzebon@gruposinos.com.br

A indústria calçadista brasileira perdeu mais de 10,9 mil empregos em dezembro de 2025. Com isso, o setor encerrou o ano passado com um saldo negativo de 3 mil postos de trabalho, terminando o ano com um total de 273,9 mil pessoas empregadas diretamente na atividade, 1,1% menos do que em 2024. As informações são de dados elaborados pela Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), com base nos números do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

O presidente-executivo da Abicalçados, Haroldo Ferreira, destaca que o índice negativo é reflexo da queda na produção de calçados, que foi de 2,2% em relação a 2024. Segundo ele, os resultados decorrem da combinação entre choques recentes do ambiente internacional, com a vigência das tarifas adicionais dos Estados Unidos; o crescimento das im-

portações em contexto de estagnação da demanda interna; e a desaceleração do mercado doméstico no segundo semestre.

Até julho de 2025, o mercado de trabalho se mostrou aquecido, com a criação de 12,7 mil postos de trabalho no setor. Entretanto, após vigência do “tarifaço” nos Estados Unidos, em agosto, o setor registrou o fechamento de 15,7 mil postos de trabalho (ago-dez), revertendo o movimento de geração de vagas observado no primeiro semestre. “Além dos impactos advindos da instabilidade do cenário internacional, a indústria foi afetada, no segundo semestre, pela desaceleração da economia brasileira e, por consequência, pelo enfraquecimento do consumo interno. O movimento acontece em contexto no qual o patamar elevado da taxa de juros sustenta níveis igualmente elevados de endividamento das famílias, comprimindo a renda disponível para consumo”, avalia Ferreira.



Arquivo/GES
Mercado de trabalho esteve aquecido até julho de 2025

EMPREGOS NOS ESTADOS

Maior empregador do setor calçadista no Brasil, o Rio Grande do Sul encerrou 2025 com saldo negativo de 4,44 mil empregos, 2,6 mil postos perdidos em dezembro. As fábricas gaúchas encerraram o ano passado com estoque total de 74,57 mil postos diretos, 5,6% menos do que em 2024. O segundo principal estado empregador foi o Ceará, que terminou o ano com saldo negativo de 1,1 mil empregos, tendo perdido 1,57 mil em dezembro. As fábricas cearenses encerraram o ano passado com 66,6 mil pessoas empregadas diretamente na atividade, 1,6% menos do que em 2024. Terceiro maior empregador do Brasil, a Bahia foi o único estado entre os maiores empregadores a registrar saldo positivo em 2025, com a criação de 2,8 mil empregos. Por outro lado, as fábricas baianas perderam 855 empregos em dezembro. O estoque de empregos de 2025 ficou em 42,4 mil, 7,1% mais do que em 2024.

Mercado de trabalho industrial cresce 1,6%

O emprego caiu 0,2% entre novembro e dezembro de 2025, quarto resultado negativo consecutivo. Ainda assim, o mercado de trabalho industrial cresceu 1,6% no ano passado frente a 2024. Os dados estão nos Indicadores Industriais divulgados pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) no dia 6 de fevereiro.

“No fim do ano passado, os indicadores relacionados ao emprego deram sinais mais claros de desaceleração, mas o mercado de trabalho segue aquecido, ainda que em ritmo mais fraco do que o apresentado em 2024”, diz a especialista em Políticas e Indústria da CNI, Larissa Nocko.

A massa salarial real caiu 0,3% no último mês de 2025, quinta queda do indicador em seis meses. No último semestre do ano passado, a massa salarial subiu apenas em novembro (1,4%). O indicador fechou o ano com queda de 2,1% em relação a 2024.

O rendimento médio real registrou relativa estabilidade (+0,2%) em dezembro, depois de crescer 1,4% em novembro. No entanto, o saldo de 2025 é negativo: queda de 3,6% em relação a 2024.

Faturamento

Após queda de 1,2% em dezembro, o faturamento da indústria de transformação



Agência CNI
Emprego caiu 0,2% entre novembro e dezembro de 2025

fechou 2025 com variação de 0,1% em relação a 2024, mantendo estabilidade.

A queda do faturamento em dezembro foi a quarta em seis meses e revela que a atividade industrial recuou

no segundo semestre. Até junho, o faturamento acumulava alta de 5,7% em relação ao mesmo período de 2024, mas a sequência negativa do indicador reverteu o cenário positivo.

MACROECONOMIA

Por Orlando Assunção Fernandes*



Renda e emprego crescem forte

Em janeiro, o IBGE divulgou sua Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) com os números consolidados para o desemprego no Brasil em 2025.

Os números seguem a tendência favorável que vem se verificando no mercado de trabalho nos últimos três anos, com a taxa de desemprego recuando para 5,6% da população ocupada, a menor taxa de desocupação da série histórica iniciada em 2012.

O resultado representa uma queda de 1,0 ponto percentual em relação a 2024 (6,6%). Já quando comparado a 2019 (11,8%), ano anterior à pandemia, a queda é ainda mais significativa (6,2%).

A população desocupada totalizou 6,1 milhões de pessoas, um recuo de 14,5% (cerca de 1 milhão de trabalhadores a menos) frente ao mesmo período do ano anterior e impressionantes 3,9 milhões a menos quando comparados ao final de 2022.

Já o total de pessoas ocupadas atingiu a expressiva marca de 103 milhões de trabalhadores, número recorde da série histórica, com 1,7 milhões de pessoas ocupadas a mais do que ao final de 2024.

Outro número favorável foi o de empregados com carteira assinada no setor privado que passou para 38,9 milhões de trabalhadores, subindo 2,75% frente ao mesmo período do ano retrasado. O número de empregados no setor público também subiu para 12,7 milhões de pessoas (2,2%).

Mais um dado da pesquisa que corrobora a tese de recuperação do mercado de trabalho, refere-se ao rendimento médio mensal dos trabalhadores (R\$ 3.560) que subiu 5,7% acima da inflação, ou seja, um ganho real de quase 6% frente a 2024.

Outro dado relevante da pesquisa, e que tem impacto direto na dinâmica econômica, é a massa de rendimentos mensal percebida pelo conjunto de todas as pessoas ocupadas. Em 2025 este valor atingiu a marca dos 361,7 bilhões de reais mensais, 7,5% superior, em termos reais, ao ano anterior, o que traz uma perspectiva positiva sobre a capacidade de consumo das famílias e, portanto, para o próprio crescimento econômico brasileiro.

Todavia, a informalidade no mercado de trabalho brasileiro, apesar de registrar queda, ainda continua elevada (39,2 milhões de trabalhadores), evidenciando a precarização nas relações de trabalho ainda presente em boa parte do mercado laboral brasileiro. Um exemplo é o ainda elevado número de empregados sem carteira assinada no setor privado que, apesar de ter apresentado uma leve queda, é ainda a realidade de 13,8 milhões de pessoas.

Como se pode depreender, a partir dos dados divulgados pelo IBGE, fica notório que os números apresentam, pelo terceiro ano consecutivo, expressiva melhora, tanto no que tange aos níveis de ocupação, como no que tange à remuneração média auferida pelos trabalhadores, revelando a força do mercado de trabalho brasileiro.

Já, a informalidade que, apesar de ter apresentado queda em relação a 2024, corresponde ainda a uma parcela substancial do mercado de trabalho (38,1%).

*Economista, Mestre em Economia Política e Doutor em Teoria Econômica pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).